

# EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

Responsável Técnica: Thais Waideman Niquito

Apoio: 

Realização: 

# INTRODUÇÃO

São conhecidos os desafios para o empreendedorismo no Brasil. A alta complexidade tributária e a disfuncionalidade da legislação trabalhista são alguns exemplos do arcabouço institucional que desestimulam a realização de negócios. Não é por acaso, portanto, que figuramos sempre como uma economia pouco afável com os empreendedores, como apontam diversos *rankings* internacionais sobre a qualidade do ambiente de negócios. De acordo com dados do Banco Mundial sobre a densidade do número total de empresas formais por 1000 pessoas, o Brasil está no 50º lugar de um total de 80 países em 2020<sup>1</sup>.

Um ambiente institucionalmente arisco para o empreendedorismo inevitavelmente acarreta em uma economia altamente informal, o que é traço marcante de países de renda baixa e média, como é o caso brasileiro. Informalidade, como bem se sabe, gera uma economia de baixa produtividade em razão de fatores como dificuldades de acesso à crédito por parte dos empreendedores, baixos investimentos em inovação, má alocação de recursos, entre outros (LA PORTA; SHLEIFER, 2014).

Para piorar o quadro, a pandemia do coronavírus e as medidas de distanciamento social, adotadas principalmente entre 2020 e 2021, geraram a extinção de muitos vínculos formais de trabalho. A decorrência direta foi que, para muitos brasileiros, possivelmente o empreendedorismo por necessidade tornou-se a única opção durante esse período para geração de renda.

É neste contexto que a profunda caracterização do empreendedorismo no país, especialmente do empreendedorismo da base da pirâmide, faz-se extremamente necessária. O desenvolvimento de políticas públicas assertivas para o fomento do empreendedorismo é mais urgente do que nunca. Devido à notória desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, o escrutínio dos elementos do empreendedorismo feminino no país ganha ainda mais relevância. A quantificação precisa da magnitude do engajamento das mulheres no mercado de trabalho, e as suas idiossincrasias, permite a melhor calibração das políticas públicas.

Questões relacionadas ao perfil demográfico e socioeconômico das empreendedoras do país permite o desenvolvimento de ações customizadas que melhorem as condições iniciais para a atividade empreendedora. Por exemplo, caso a presença do empreendedorismo seja mais pronunciada entre mães solteiras, as chefes de famílias, a oferta municipal de creches e pré-escola, que, sabidamente, tem papel facilitador relevante para participação das mulheres no mercado de trabalho, é condição necessária para o sucesso, ou pelo menos a sobrevivência, dos

---

1 Ver <https://www.worldbank.org/en/programs/entrepreneurship#total>.

negócios dessas empreendedoras.

São nestas circunstâncias que este relatório faz uma apresentação dos dados do empreendedorismo feminino no país, agregado pelas macrorregiões, explorando diversos aspectos demográficos, sociais e econômicos, bem como a situação do empreendedorismo da mulher no que concerne tanto à formalização quanto à informalidade. No decorrer da exposição dos dados, algumas sugestões de políticas públicas e de dimensões importantes a serem incorporadas por indicadores que mensuram a qualidade do ambiente de negócios vão sendo realizadas. A base de informações para este relatório é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) anual, edição 2021.



## **O ATUAL QUADRO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL EM DADOS**

Como mencionado na introdução deste relatório, com o uso dos dados anuais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2021, estima-se o empreendedorismo feminino no país a partir de diversos recortes. Conceitualmente, considera-se como empreendedor aquele indivíduo que se declarou ocupado como empregador ou trabalhador por conta própria no período de referência da pesquisa.

É necessário pontuar que é distinta a natureza das motivações que levam as pessoas a ingressarem no empreendedorismo como empregadores ou como conta própria. É mais provável que as pessoas que se identifiquem como empregadoras na PNADC sejam aquelas que a literatura sobre empreendedorismo classifica como empreendedores por oportunidade. Seria o conjunto de pessoas que empreendem de forma intencional. No segundo conjunto, trabalhadores por conta própria, é mais provável que se tenha mais pessoas engajadas no empreendedorismo em razão das circunstâncias, das necessidades, do que mesmo por uma inclinação prévia, ou seja, uma vocação empreendedora. A literatura sobre o tema inclusive tem evidências de que o empreendedorismo por necessidade se manifesta mais em momentos contracíclicos da economia (FAIRLIE; FOSSEN, 2020). O quadro atual pós-pandêmico torna-se propício para mensuração do empreendedorismo feminino por necessidade.

Portanto, embora as chances de sucesso, a resiliência, e a permanência no empreendedorismo sejam diferentes (mais provável que ao longo da vida os empreendedores por oportunidade mantenham-se no empreendedorismo, enquanto os empreendedores por necessidade possam ter maior probabilidade de migrarem para postos formais de trabalho com carteira assinada em momentos de recuperação econômica), ambos os grupos devem se beneficiar de um melhor ambiente de negócios e de políticas públicas que fomentem o empreendedorismo como estratégia para o desenvolvimento econômico.

Para definição do status de formalização, considera-se como formal empregadores e trabalhadores por conta própria que declararam possuir Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Todos os demais empregadores e trabalhadores por conta própria foram considerados informais, mesmo aqueles que tenham declarado contribuir ao regime de previdência oficial. Importante mencionar que para o cômputo das estimativas foi levado em consideração o desenho complexo da amostra da PNADC.

De acordo com a PNADC anual de 2021, pouco mais de 3 milhões de mulheres brasileiras eram engajadas no mercado de trabalho como empreendedoras formais (35,0% do empreendedorismo total). Na informalidade, são quase 6,3 milhões de mulheres empreendedoras, o que representa 32,2% no total do empreendedorismo informal (Tabela 1). Fica evidente que os homens formam a maioria dos empreendedores no país. Não se observa nenhuma discrepância entre as macrorregiões do país no que compete à participação das mulheres no empreendedorismo tanto formal quanto informal.

**Tabela 1 - Empreendedorismo Feminino Formal e Informal no Brasil e nas Macrorregiões em 2021**

Região	Formal			Informal		
	Empr.	Empr. Total	% Empr.	Empr.	Empr. Total	% Empr.
	Mulheres		Feminino	Mulheres		Feminino
Norte	120.771	343.879	35,1%	684.940	2.312.172	29,6%
Nordeste	466.053	1.239.526	37,6%	1.786.005	5.712.773	31,3%
Sudeste	1.573.063	4.512.597	34,9%	2.574.889	7.479.865	34,4%
Sul	683.500	2.034.496	33,6%	745.704	2.481.612	30,0%
Centro-Oeste	241.434	685.917	35,2%	504.123	1.559.665	32,3%
Brasil	3.084.822	8.816.415	35,0%	6.295.661	19.546.087	32,2%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Observando exclusivamente o lado formal do empreendedorismo feminino, a maior parte dessas mulheres está engajada como trabalhadoras por conta própria; no total do país, trabalhadoras por conta própria representam 71,0% do empreendedorismo formal (Tabela 2).

**Tabela 2 - Empreendedorismo Feminino Formal no Brasil e nas Macrorregiões em 2021**

Região	Conta própria	% CP	Empregadoras	% Empr.	Empreendedoras
					Formais
Norte	77.805	64,4%	42.966	35,6%	120.771
Nordeste	328.266	70,4%	137.787	29,6%	466.053
Sudeste	1.131.101	71,9%	441.962	28,1%	1.573.063
Sul	490.814	71,8%	192.686	28,2%	683.500
Centro-Oeste	160.920	66,7%	80.515	33,3%	241.434
Brasil	2.188.906	71,0%	895.916	29,0%	3.084.822

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Por outro lado, quando olhamos o empreendedorismo feminino informal no país como um todo, e em todas as macrorregiões de forma homogênea, praticamente não há empregadoras: 97,9% das empreendedoras informais são conta própria. Aqui, possivelmente, está o público que a pesquisa em empreendedorismo classifica como empreendedores por necessidade, e não por oportunidade.

Tabela 3 - Empreendedorismo Feminino Informal no Brasil e nas Macrorregiões em 2021

Região	Conta própria	% CP	Empregadoras	% Empr.	Empreendedoras Informais
Norte	666.188	97,3%	18.752	2,7%	684.940
Nordeste	1.746.871	97,8%	39.133	2,2%	1.786.005
Sudeste	2.528.615	98,2%	46.274	1,8%	2.574.889
Sul	727.519	97,6%	18.185	2,4%	745.704
Centro-Oeste	491.908	97,6%	12.216	2,4%	504.123
Brasil	6.161.101	97,9%	134.559	2,1%	6.295.661

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Mulheres engajadas no mercado de trabalho pelo lado informal da economia, ocupadas como conta própria, devem ser foco de ações de políticas públicas de formalização, além de, obviamente, outras ações e programas que objetivem enfrentamento da pobreza e superação de vulnerabilidades socioeconômicas. Neste sentido, políticas públicas municipais que facilitem e estimulem o processo de formalização são bem-vindas.

Além da óbvia redução da burocracia existente para formalização, o que reverbera em um menor tempo mínimo necessário para a abertura de empresas, o estímulo à formalização pode vir acoplada como contrapartida de benefícios econômicos e sociais existentes em outras políticas públicas. Como exemplo, no município de Porto Alegre, em 2021, foi aprovado pela câmara municipal de vereadores um programa de microcrédito no qual os empreendedores beneficiários têm os juros de contrato de crédito pagos pela prefeitura<sup>2</sup>. Como contrapartida, para os empreendedores informais, exige-se ao longo do programa a sua formalização. Em razão do expressivo número de mulheres empreendedoras por necessidade na informalidade, é provável que se espere a materialização de um efeito colateral positivo de uma ação como essa no fomento à formalização desse grupo.

Ainda na questão do acesso ao crédito, é bem documentado na literatura que restrição de crédito é entrave para a criação e o desenvolvimento de pequenos negócios (BINKS; ENNEW, 1996; COLE, 2018). Neste sentido, políticas públicas de acesso a crédito, como estabelecimento de fundos de aval customizados para as mulheres, devem fomentar o empreendedorismo feminino. Dessa forma, indicadores de qualidade do ambiente de negócios deveriam ter alguma medida de acesso a crédito por parte de empreendedoras. Como será exposto na próxima seção, a literatura aponta que questões de *mindset* podem prejudicar a busca e o acesso a crédito por parte das mulheres, o que fortalece o argumento de políticas temáticas, customizadas, para este público.

No que compete à idade das empreendedoras brasileiras, nota-se que tanto a média quanto a mediana da idade para o país e as macrorregiões circunda a casa dos 40 anos de idade

2 O referido programa chama-se "Mais Crédito: Juro Zero". Lei Municipal nº 12.870, de 14 de setembro de 2021.

(Tabela 4). Essa informação, tomando em conta também i) a expressividade da informalidade e do empreendedorismo por necessidade (trabalhadoras por conta própria) presente entre as mulheres e ii) as mudanças observadas no mercado de trabalho decorrentes do avanço da automação das tarefas e do uso de inteligência artificial (AUTOR; LEVY; MURNANE, 2003; SULZBACH, 2020) suscita a necessidade da oferta de cursos de qualificação e aperfeiçoamento profissional (empresarial) orientados para pessoas com mais idade.

**Tabela 4 - Idade Média e Mediana do Empreendedorismo Feminino no Brasil e Macrorregiões**

Região	Formais		Informais	
	Média	Mediana	Média	Mediana
Norte	42	41	40	39
Nordeste	42	40	40	39
Sudeste	43	42	42	40
Sul	42	41	42	41
Centro-Oeste	41	40	41	40
Brasil	42	41	41	40

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Idealmente, para a questão do empreendedorismo das mulheres, a oferta de cursos customizados para as empreendedoras também deve potencializar os resultados dos seus negócios. Como será visto na próxima seção, parte do que a literatura aponta como importante em explicar os diferenciais observados pró-homens do empreendedorismo por sexo tem origem em aspectos como aversão a risco, preferências e restrições internas (características não observáveis). Boa parte disso são as habilidades socioemocionais que jogam a favor das mulheres, em geral, na redução de diferenças no mercado de trabalho (SULZBACH, 2020). Assim, cursos que atendam e qualifiquem tais habilidades devem fomentar e fortalecer o empreendedorismo das mulheres. Assim, um indicador de oferta de cursos de qualificação profissional com viés para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais para as mulheres poderia se fazer presente em indicadores que mensurem qualidade do ambiente de negócios.

Praticamente metade das mulheres empreendedoras, tanto formais quanto informais, ocupam a posição de chefes do domicílio (Tabela 5). Neste conjunto estão as mães solteiras que buscam o sustento das suas famílias através do empreendedorismo por necessidade. Tal constatação dimensiona a relevância que uma expressiva cobertura de educação infantil tem para que o sucesso dessas mulheres empreendedoras seja possível.

**Tabela 5 -Empreendedorismo Feminino no Brasil e Macrorregiões segundo a Posição no Domicílio**

Região	Chefes	% Chefes	Cônjuges	% Cônjuges	Outras Posições	% Outras
<b>Formais</b>						
Norte	63.980	53,0%	40.826	33,8%	15.965	13,2%
Nordeste	213.924	45,9%	193.950	41,6%	58.180	12,5%
Sudeste	711.154	45,2%	623.226	39,6%	238.683	15,2%
Sul	305.448	44,7%	306.392	44,8%	71.660	10,5%
Centro-Oeste	114.158	47,3%	98.561	40,8%	28.715	11,9%
Brasil	1.408.663	45,7%	1.262.955	40,9%	413.203	13,4%
<b>Informais</b>						
Norte	355.835	52,0%	195.687	28,6%	133.418	19,5%
Nordeste	905.334	50,7%	534.066	29,9%	346.605	19,4%
Sudeste	1.268.671	49,3%	863.536	33,5%	442.682	17,2%
Sul	338.305	45,4%	301.524	40,4%	105.875	14,2%
Centro-Oeste	256.261	50,8%	164.376	32,6%	83.487	16,6%
Brasil	3.124.405	49,6%	2.059.189	32,7%	1.112.067	17,7%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Ainda de acordo com os dados presentes na Tabela 5, no Brasil como um todo, percebe-se que, entre as empreendedoras informais, a participação de mulheres que não são nem chefe nem cônjuge no domicílio (filhas, por exemplo) é mais elevada do que entre as empreendedoras formais: 17,7% contra 13,4%. Nas regiões Norte e Nordeste do país o engajamento no empreendedorismo de mulheres que não são nem chefes nem cônjuges no domicílio é ainda mais pronunciado, chegando próximo a 1/5 do total das empreendedoras informais.

Quando se olha para o perfil das empreendedoras segundo a cor, percebe-se que na formalidade há uma predominância no país como um todo: a maior parte das empreendedoras formais são brancas ou amarelas (65,0%). No Sul este número chega a 88,6%. Já quando olhamos para o lado informal do empreendedorismo, o quadro se inverte. Aproximadamente 56,0% das mulheres empreendedoras informais são pretas, pardas ou indígenas. Vale lembrar que, no empreendedorismo informal, a maior parte das empreendedoras são trabalhadoras por conta própria, ou seja, empreendedoras por necessidade.

**Tabela 6 - Empreendedorismo Feminino no Brasil e Macrorregiões segundo a cor**

Região	Formais				Informais			
	Branças e Amarelas	% Brancas e Amarelas	Pretas, Pardas e Indígenas	% Pretas, Pardas e Indígenas	Branças e Amarelas	% Brancas e Amarelas	Pretas, Pardas e Indígenas	% Pretas, Pardas e Indígenas
Norte	34.273	28,4%	86.498	71,6%	138.614	20,3%	545.419	79,7%
Nordeste	184.235	39,5%	281.818	60,5%	412.116	23,1%	1.373.889	76,9%
Sudeste	1.069.952	68,0%	503.111	32,0%	1.440.168	55,9%	1.134.143	44,1%
Sul	605.345	88,6%	78.155	11,4%	600.269	80,5%	145.434	19,5%
Centro-Oeste	112.597	46,6%	128.837	53,4%	186.066	36,9%	318.057	63,1%
Brasil	2.006.403	65,0%	1.078.418	35,0%	2.777.233	44,1%	3.516.942	55,9%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021. Nota: Agre

A Tabela 7 mostra dados dos recortes de rendimentos para o empreendedorismo feminino. O maior destaque é que, para todas as regiões do país, os rendimentos obtidos no empreendedorismo são substancialmente superiores na formalidade. No país como um todo, a média de rendimentos das empreendedoras formais é quase 200% maior do que a média dos rendimentos das informais. Na região Nordeste é 270,7% maior, enquanto na região Sul 91,7%.

**Tabela 7 - Rendimentos do Empreendedorismo Feminino no Brasil e Macrorregiões segundo Formalização**

Região	Formais		Informais		Formal/Informal %	
	Média	Mediana	Média	Mediana	Média	Mediana
Norte	3.224,7	2.155,1	1.013,5	646,5	218,2	233,3
Nordeste	3.249,2	1.785,6	876,6	540,9	270,7	230,1
Sudeste	4.361,8	2.368,2	1.536,1	1.076,5	184,0	120,0
Sul	3.550,8	2.394,2	1.852,3	1.203,5	91,7	98,9
Centro-Oeste	3.616,7	2.165,1	1.561,3	1.082,5	131,6	100,0
Brasil	3.911,2	2.176,6	1.331,6	866,7	193,7	151,1

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Quando olhamos para a mediana dos rendimentos, os números da informalidade são muito preocupantes. Metade das empreendedoras informais no país recebem menos de R\$866,7. No Nordeste, menos de R\$ 540,9 (Tabela 7). Fica explícita a questão de parcela importante das empreendedoras auferirem baixos rendimentos.

No anexo deste documento, as Tabelas A1 até A4 apresentam os dados dos rendimentos das empreendedoras conforme a cor e a posição no domicílio. No geral, as empreendedoras brancas e amarelas auferem maiores rendimentos do que as pretas, pardas e indígenas, tanto no lado formal quanto no lado informal do empreendedorismo. Quanto à posição no domicílio, as mulheres cônjuges auferem maiores rendimentos do que as chefes, quando empreendedoras. Novamente, tanto na formalidade quanto na informalidade.

## **O QUE DOCUMENTA A LITERATURA SOBRE GÊNERO E EMPREENDEDORISMO**

A literatura dedicada em estudar o empreendedorismo feminino costuma levantar algumas hipóteses para explicar o diferencial existente no grau de engajamento das mulheres em atividades empreendedoras em relação aos homens. São questões como: diferenças nas preferências por aversão a risco, restrições internas (diferenças em habilidades socioemocionais), restrições externas (resposta a diferentes condições macroeconômicas e institucionais, por exemplo), e outros aspectos (CARRANZA; DHAKAL; LOVE, 2018).

Além da questão do menor engajamento no empreendedorismo, há indícios de que as mulheres tendem a ter negócios menores do que o dos homens e menos funcionários nos países da América Latina (BRUHN, 2009). Como visto na seção anterior, que trouxe dados da PNADC, parcela maior do empreendedorismo feminino está na informalidade sob a forma de trabalho como conta própria, portanto, em negócios de pequena escala e baixa produtividade. Isso repercute na capacidade de geração de renda desses negócios, como visto.

Esta questão específica sobre o menor tamanho dos negócios geridos por mulheres é também atribuída aos setores que contam com maior presença feminina, especialmente o setor de serviços (CARRANZA; DHAKAL; LOVE, 2018). Isto é um ponto que inclusive serve de explicação para os menores rendimentos obtidos por empreendedoras do que os empreendedores (setor de serviços apresenta menor rentabilidade do que outros setores).

Outro aspecto importante ligado a esse tópico é que muitas empreendedoras gerem seus negócios dentro de suas próprias residências (BOSMA; HARDING, 2006). Aqui, se por um lado “rodar” o seu negócio na própria residência facilita a realização de atividades familiares (como cuidado com as crianças), por outro, limita o mercado potencial de clientes e fornecedores, restringindo as possibilidades de expansão do negócio.

Mais uma vez, a cobertura municipal de educação infantil surge como elemento importante para o fomento de um empreendedorismo feminino de qualidade dada a realidade posta no parágrafo acima. Em síntese, ao rodar negócios menores, dentro de suas residências e em setores com menor rentabilidade, as mulheres tendem a perceber menor lucratividade, menor crescimento

dos seus negócios e menores chances de sobrevivência dos mesmos (CARRANZA; DHAKAL; LOVE, 2018).

As diferenças observadas nos resultados entre o empreendedorismo feminino e masculino, como mencionado, encontra respaldo em algumas hipóteses. A primeira delas é que as mulheres têm intrinsecamente uma característica de maior aversão a riscos. Isso faz com que tendam a optar por negócios menos arriscados, mas com menor retorno. Haveria uma inclinação maior das mulheres a se engajarem no empreendedorismo em razão de fatores externos do que por motivos internos (CARRANZA; DHAKAL; LOVE, 2018). Mais uma vez, há respaldo nos dados expostos na seção anterior que revelam uma forte presença no que poderíamos chamar de empreendedorismo por necessidade (trabalhadoras por conta própria). Este tipo de empreendedorismo, por necessidade, tende a ser contracíclico.

Empiricamente, há muitos estudos que corroboram a hipótese das preferências distintas entre homens e mulheres. Contudo, merece menção o trabalho de Allen e Curington (2014). A partir de uma base de dados especial de Wisconsin/EUA sobre empreendedorismo, que contempla características demográficas e questões que capturam as opiniões dos participantes quanto ao empreendedorismo, e com o uso de modelos econométricos, esses autores encontraram evidências de que os homens são motivados a se engajar no empreendedorismo mais por aspectos pecuniários, enquanto as mulheres levam mais em consideração questões como a opinião de pares, amigos e familiares, além de outras questões pertinentes à família.

Sobre as habilidades socioemocionais, Carranza, Dhakal e Love (2018) pontuam que é bem documentado na literatura que as mulheres tendem a ter menos autoconfiança e pior autopercepção do que os homens. Isso, por sua vez, explicaria parte das diferenças existentes entre o grau de engajamento e o padrão do empreendedorismo (negócios e setores menos arriscados por parte das mulheres, por exemplo).

Ainda sobre habilidades socioemocionais, Poggese, Mari e De Vita (2016) indicam que há também uma menor percepção de autoeficácia nas mulheres. As consequências para o empreendedorismo são diversas. Repercutem em uma menor capacidade de perceber oportunidades de negócios, gera a imposição de barreiras internas para o empreendedorismo e, por último, o conjunto dessas percepções negativas sobre as suas próprias capacidades geram dificuldades para o acesso a crédito, o que é fundamental para o desenvolvimento dos negócios.

Por último, vale menção que o conjunto dessas percepções também pode gerar uma superestimação das barreiras externas para o desenvolvimento do empreendedorismo pelas diversas razões acima expostas. Contudo, há o reconhecimento explícito de que há uma maior exposição a situações de exploração e corrupção por parte das mulheres (CARRANZA; DHAKAL; LOVE, 2018)

Em síntese, a literatura sobre o empreendedorismo feminino e suas diferenças em relação ao empreendedorismo masculino é bem consolidada tanto em termos teóricos quanto em evidências. As diferenças não estão apenas no engajamento em empreender, mas nos resultados, no tipo de empreendedorismo e nos riscos assumidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta nota procurou documentar o tamanho do empreendedorismo feminino no Brasil a partir da principal pesquisa amostral que temos à disposição. Ficou evidente que a informalidade é um traço marcante do empreendedorismo da mulher, embora esse padrão também seja observado entre os homens. O menor rendimento é a consequência mais direta deste fenômeno.

Políticas que visem a fomentar a formalização são bem-vindas tanto para mulheres quanto para homens. Não cabe a esta nota discutir a questão do maior envolvimento das mulheres em atividades que envolvam o cuidado da família, mas este fato estilizado reforça a relevância do desenvolvimento de políticas públicas que diminuam os custos da participação feminina no mercado de trabalho como empreendedoras. Neste contexto, a política municipal de oferta de educação infantil tem sinergias importantes com políticas de desenvolvimento econômico alicerçadas no fomento ao empreendedorismo. Também como já mencionado, deveria a cobertura de educação infantil fazer parte de indicadores que mensuram a qualidade do ambiente de negócios. A oferta de cursos de qualificação profissional e empresarial são aspectos também relevantes neste contexto.

É curioso que seja reconhecido na literatura que as habilidades socioemocionais estejam ao longo do tempo ajudando a minimizar o *gap* salarial entre homens e mulheres (SULZBACH, 2020), mas que também sejam parte do que torna o empreendedorismo menos atrativo para o público feminino. São necessárias políticas que trabalhem o desenvolvimento dessas habilidades mirando o fortalecimento da autoconfiança, da percepção de autoeficácia e de outros aspectos que influem na decisão de empreender e na performance dos negócios.

# REFERÊNCIAS

ALLEN, W. D.; CURINGTON, W. P. The self-employment of men and women: What are their motivations? *Journal of Labor Research*, v. 35, n. 2, p. 143-161, 2014.

AUTOR, D. H.; LEVY, F.; MURNANE, R. J. The skill content of recent technological change: An empirical exploration. *The Quarterly journal of economics*, v. 118, n. 4, p. 1279-1333, 2003.

BINKS, M. R.; ENNEW, C. T. Growing firms and the credit constraint. *Small Business Economics*, v. 8, n. 1, p. 17-25, 1996.

BOSMA, N.; HARDING, R. *Global entrepreneurship monitor: GEM 2006 summary results*. [s.l.] Babson College London Business School, 2006.

BRUHN, M. Female-owned firms in Latin America: characteristics, performance, and obstacles to growth. *World Bank Policy Research Working Paper*, n. 5122, 2009.

CARRANZA, E.; DHAKAL, C.; LOVE, I. Female entrepreneurs: how and why are they different? 1818 H Street NW. *Washington, DC*, v. 20433, 2018.

COLE, R. A. *Bank credit, trade credit or no credit: Evidence from the Surveys of Small Business Finances. Trade Credit or No Credit: Evidence from the Surveys of Small Business Finances (July 31, 2018)*, 2018.

FAIRLIE, R. W.; FOSSEN, F. M. Defining opportunity versus necessity entrepreneurship: two components of business creation. In: *Change at home, in the labor market, and on the job*. [s.l.] Emerald Publishing Limited, 2020.

LA PORTA, R.; SHLEIFER, A. Informality and development. *The Journal of Economic Perspectives*, v. 28, n. 3, p. 109-126, 2014.

POGGESI, S.; MARI, M.; DE VITA, L. What's new in female entrepreneurship research? Answers from the literature. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v. 12, n. 3, p. 735-764, 2016.

SULZBACH, V. *Essays on job polarization in the brazilian labor market*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

# ANEXO

Tabela A1 Rendimentos das Empreendedoras Formais segundo a Cor - (R\$)

Região	Média Brancas	Mediana Brancas	Mediana Não Brancas	Mediana Não Brancas
Norte	4.167,1	2.693,1	2.851,3	2.155,1
Nordeste	4.092,4	2.164,4	2.697,9	1.612,9
Sudeste	5.076,4	3.227,4	2.842,3	1.937,7
Sul	3.697,0	2.720,7	2.418,2	1.969,4
Centro-Oeste	4.342,6	2.380,7	2.982,3	2.164,3
Brasil	4.513,1	2.708,3	2.791,3	1.937,7

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Tabela A2 Rendimentos das Empreendedoras Informais segundo a Cor - (R\$)

Região	Média Brancas e Amarelas	Mediana Brancas e Amarelas	Média Pretas, Pardas e Indígenas	Mediana Pretas, Pardas e Indígenas
Norte	1.374,8	861,8	921,3	646,4
Nordeste	1.180,9	648,5	785,3	540,3
Sudeste	1.866,0	1.183,4	1.117,5	860,6
Sul	2.016,8	1.313,0	1.173,5	1.088,3
Centro-Oeste	2.013,8	1.190,8	1.296,6	1.081,3
Brasil	1.782,3	1.126,0	975,8	649,1

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

**Tabela A3 Rendimentos das Empreendedoras Formais segundo a Posição no Domicílio - (R\$)**

Região	Média Chefes	Mediana Chefes	Média	Mediana	Média	Mediana
			Cônjuges	Cônjuges	Outras pos.	Outras pos.
Norte	3.355,4	2.155,1	3.391,5	2.693,9	2.274,4	1.293,1
Nordeste	3.187,8	1.950,3	3.628,8	1.947,2	2.209,3	1.622,6
Sudeste	4.394,2	2.708,3	4.911,8	2.689,5	2.829,5	2.166,6
Sul	3.676,1	2.611,9	3.636,5	2.611,9	2.649,7	2.176,6
Centro-Oeste	3.688,5	2.165,1	3.622,8	2.165,1	3.310,5	2.164,3
Brasil	3.950,9	2.188,3	4.255,7	2.231,3	2.723,0	2.163,5

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

**Tabela A4 Rendimentos das Empreendedoras Informais segundo a Posição no Domicílio - (R\$)**

Região	Média Chefes	Mediana Chefes	Média	Mediana	Média	Mediana
			Cônjuges	Cônjuges	Outras pos.	Outras pos.
Norte	880,6	538,8	1.182,4	807,9	1.120,0	646,5
Nordeste	836,5	540,9	832,3	540,4	1.049,6	541,1
Sudeste	1.565,5	1.076,5	1.581,8	1.083,3	1.362,9	975,0
Sul	1.769,0	1.200,2	2.018,8	1.313,0	1.644,4	1.094,1
Centro-Oeste	1.406,2	1.082,1	1.881,4	1.190,3	1.407,3	1.187,6
Brasil	1.285,2	864,7	1.437,4	968,8	1.266,2	861,8

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Apoio: **endeavor**

Realização: **ENAP**